

Mulheres acusam doula de prescrever chá que causa malformação fetal

Terapeuta é casada com Ananda Joy, acusado de abusar de discípulas; segundo Adriana Valverde, grávidas beberam ayahuasca 'por vontade própria'

RIO — Depois de cinco mulheres acusarem **Diógenes Mira** — guru tântrico e instrutor de ioga conhecido como **Ananda Joy** — por **abuso sexual** e estupro, crimes que ele nega, novas denúncias foram apresentadas ao Globo, desta vez sobre a companheira do líder espiritual, Adriana Valverde.

Segundo os relatos de três mulheres que pediram que suas identidades fossem protegidas, Adriana, conhecida como Mohini Taila, as orientou a tomar ayahuasca durante a gestação. A substância pode causar malformação fetal. Adriana, que se apresenta como terapeuta ayurvédica e doula e atende em Piracicaba, interior de São Paulo, nega ter indicado o uso do chá e diz que o consumo foi uma decisão das próprias gestantes.

A prática fere o código de ética da Associação de Doulas de São Paulo (Adosp) e contraria as indicações da Associação Brasileira de Ayurveda (Abra).

Segundo o presidente da Abra, Aderson da Rocha, uma vez que a paciente revela estar grávida, o terapeuta ayurvédico deve recomendar a suspensão do uso de ervas medicinais.

— Em nossos cursos, recomendamos que apenas o obstetra da gestante receite fitoterápicos, pelo potencial risco ao feto.

As três mulheres disseram ao Globo que Adriana não as avisou que a ayahuasca — um chá à base de ervas medicinais — poderia oferecer riscos. Uma delas contou que tomou ayahuasca três vezes durante a gestação:

— Aos cinco meses de gestação, uma ultrassonografia revelou que meu bebê tinha parado de crescer. Ela falava que eu não deveria parar de tomar o chá. Segui sua orientação e tomei mais uma vez, em um ritual com os dois. Minha filha morreu no sétimo mês de gestação. Anos depois, descobri uma pesquisa mostrando que o uso da ayahuasca afetava o desenvolvimento do feto. Essa é a dúvida que vou carregar para o resto da vida: nunca vou saber com certeza se foi a ayahuasca que causou a redução de crescimento e a morte da minha filha. Se foi isso, não vou

carregar essa culpa sozinha. Quem me serviu o chá, se apresentando como doula e terapeuta ayurvédica, como pessoa com o conhecimento técnico sobre isso, é responsável também por tudo o que aconteceu.

O código de ética da Adosp é claro quanto ao envolvimento religioso no atendimento de doulas: “A doula não permitirá que suas crenças, ideias, inclinações filosóficas, políticas ou saberes anteriores possam prejudicar o bem-estar da parturiente ou tumultuar o ambiente de parto”.

A diretora executiva da Adosp, Daniela Andretto, explica que existem doulas religiosas, mas que a fé não deve interferir na assistência oferecida.

— A questão não é ter religião, a questão é usar a religião como norte do atendimento. Sugerimos que as pacientes procurem conhecer o histórico dessa doula e conversar com outras mulheres que foram assistidas por ela. E, depois de encontrar a doula certa, fazer um contrato assinado que tenha listadas as funções de cada uma, o que é uma forma de esclarecer funções e proteger as duas partes.

Outra mulher que frequentava os rituais afirma que seu bebê nasceu com malformações. Ela conta não saber a decorrência, mas que ingeriu substâncias mutagênicas (que causam malformação), por instrução de Adriana.

— Adriana prioriza o papel de mentora espiritual. Entretanto, nesse papel, ela está sob os comandos do Diógenes, que é visto por ela como mestre espiritual supremo.

Em nota enviada por sua advogada, Adriana diz que tem curso de formação de doulas e de formação como terapeuta ayurvédica pela Fundação Sri Vajra, em Minas Gerais.

A advogada afirma que sua cliente “jamais misturou o exercício da atividade de doula com sua crença espiritual, especialmente para propor tratamentos”.

Também alega que, “por vontade própria dessas gestantes, utilizavam ayahuasca nas cerimônias” e que “não foi a Adriana, portanto, que indicou ou prescreveu o fitoterápico a nenhuma gestante, como doula”. Segundo ela, Adriana “sempre indicou que procurassem conversar com seus médicos”.

"Minha filha morreu com 7 meses de gestação"

"Cheguei ao grupo religioso Estrela do Oriente porque sabia que Adriana era doula. Eu nunca tinha tomado ayahuasca antes, mas queria muito engravidar e esperava que a ayahuasca me ajudasse a trabalhar meus medos em relação a gestação. Particpei de um ritual fechado com os dois líderes e ao final, antes que eu falasse sobre meu desejo, a Adriana me perguntou se eu estava grávida, pois tinha ficado numa determinada posição ao longo de todo ritual que era uma posição que favorecia muito o trabalho de parto. Senti isso como um sinal de que ela era a pessoa certa para me ajudar a realizar o meu desejo de ser mãe e falei que não estava grávida, mas que queria muito e que acreditava que tinha encontrado as pessoas certas para me ajudar. O Diógenes disse então que eu já estava grávida no astral, que era só questão de tempo dessa gestação se manifestar. A Adriana também me encorajou muito a engravidar, me desejando sorte

De fato, engravidei muito pouco tempo depois.

Eu tinha confiança em Diógenes e em Adriana, principalmente por ela ser doula. Essa confiança foi decisiva para eu parar de tomar anticoncepcionais, o que fiz logo após o primeiro ritual.

Mas foi só alguns meses depois é que eu tive uma primeira conversa com ela especificamente sobre seu trabalho como doula, fora de um ritual. Nessa conversa, ela me apresentou a filosofia de vida do grupo em relação a gestação de uma nova vida, de que devemos ter uma atitude de sempre confiar na natureza. Inclusive me contou que já tinha até acompanhado um parto sozinha, sem qualquer profissional de saúde ao seu lado. Elogiou muito a coragem e a confiança dessa mulher, dando a entender que esse era o exemplo máximo da "mulher selvagem", empoderada: aquela que é independente do conhecimento científico, que é padronizado e patriarcal, e está em contato com o seu lado natural e instintivo. Na época, eu acreditei e achei realmente incrível a coragem dessa suposta mulher, que eu nunca soube quem era. Nessa oportunidade, ela também falou muito sobre confiar na natureza e confiar na planta. Disse, como dizia sempre, que "a ayahuasca é mestra".

Ao longo da gestação, comecei a me questionar. Eu a via como uma doula, mas ao mesmo tempo sentia falta de orientações que são esperadas de uma profissional.

Me perguntava se ela era realmente minha doula e o que exatamente era o trabalho da doula. As pessoas faziam contribuições financeiras voluntárias para frequentar os rituais. Será que eu não recebia orientações da minha doula porque não estava contribuindo financeiramente?

Como estava inserida no grupo espiritual, não consigo olhar para trás e separar o trabalho dela como doula e o trabalho espiritual que ela fazia ao lado do diógenes. Na época, era tudo muito nebuloso. Não dava para saber quando ela estava falando como doula, como amiga, como líder espiritual, como terapeuta ayurvédica... não consigo diferenciar a profissional da religiosa, tudo sempre parecia uma coisa só.

Imagino que seja diferente para quem chega à Adriana, a doula, fora do contexto espiritual, se é que alguém chega assim. Talvez essa pessoa até encontre uma profissional, de fato. O que posso dizer é: se alguém entra em contato com ela, como doula, através do contexto espiritual, há muitas chances dessa relação ser problemática.

Quando eu estava com cinco meses de gestação, em uma ultrassonografia descobri que meu bebê tinha parado de crescer. Procurei a Adriana assim que soube. Pedi orientações a ela e ela me indicou que tomasse mais ayahuasca, que eu não deixasse de ir no próximo ritual.

(Eu nunca tinha tomado ayahuasca antes de encontrá-los. Meu primeiro ritual foi quando queria engravidar, quando participei de um ritual fechado com ela, Diógenes e meu companheiro. Um mês depois, com duas semanas de gestação, participei de um outro ritual, dessa vez um ritual aberto, com várias pessoas. Neste ritual encontrei a Adriana antes do início da sessão e disse a ela que estava grávida.)

Segui sua orientação, fui até o grupo no fim de semana seguinte e tomei o chá. Após esse ritual, ela disse novamente para eu confiar na natureza, confiar na ayahuasca, porque a planta é mestra. Disse que eu era ayahuasqueira e por isso tudo ficaria bem.

Minha filha morreu no sétimo mês de gestação.

Em uma ocasião, estava internada em um hospital onde fiquei alguns dias para fazer exames. Adriana foi me visitar. A avaliação que ela fez da minha situação

foi: "Você tem que pensar o que está estagnado na sua vida. O que, dentro de você, parou de crescer".

Até hoje eu entendo que a fala dela foi importante para mim, porque sim, algo no meu íntimo realmente tinha parado de crescer. E isso foi importante para eu lidar com o luto.

Essa explicação do inconsciente, do que dentro de mim parou de crescer para que minha filha parasse de crescer, foi a explicação que me bastou durante muitos anos. Eu sempre entendi, desde o instante que ela me falou isso, o que em mim tinha parado de crescer, acatei essa explicação e achei que trabalhando isso em mim, resolveria a questão e minha filha voltaria a crescer e nascer saudável. Só que hoje vejo que não. É claro que não era apenas o meu inconsciente agindo. Durante muitos anos essa explicação me bastou. Hoje considero irresponsável e soberba a postura dela em achar que isso basta, que "confiar na natureza" basta. Há menos de um ano, pesquisando em um grupo acadêmico sobre ayahuasca, entrei em contato com um artigo da UnB sobre a toxicidade da ayahuasca em ratas gestantes. Foi a primeira vez que me questionei se a ayahuasca poderia ter influenciado minha gestação.

No meu caso, hoje olho para trás e acho um absurdo que uma doula sirva ayahuasca para uma gestante de alto risco e fale "confia na natureza, porque a planta é mestra". Isso é de uma irresponsabilidade muito grande. Não acho que essa seja a conduta adequada para quem se coloca como doula profissional e nem de um líder espiritual que já servia ayahuasca há anos.

Através dessa união das mulheres que passaram por aquela casa e pelo apoio que estamos nos dando nesse movimento de denúncia, percebo o quão grave é a irresponsabilidade e o descaso deles dois com as mulheres, e principalmente com as gestantes do grupo. Uma coisa que me passa pela cabeça é: será possível que em nenhum momento eles pensaram que poderia ser nocivo o uso de ayahuasca entre mulheres grávidas?

E essa é a dúvida que eu vou carregar para o resto da vida: eu nunca vou saber com certeza se foi a ayahuasca que causou a redução de crescimento e, depois, a morte da minha filha. Mas eu sinto que a possibilidade de ter sido o chá, mesmo que essa possibilidade seja mínima, me coloca uma responsabilidade gigantesca

nas minhas costas. Se eu um dia eu engravidar de novo, vou pensar mil vezes antes de beber ayahuasca e, sabendo dos riscos, com toda certeza não beberei! E não é certo que eu carregue essa responsabilidade sozinha.

Porque quem me serviu o chá, se apresentando como doula e como terapeuta ayurvédica, como pessoa com o conhecimento técnico sobre isso, e quem se diz ser líder espiritual servidor de chá há muitos anos, é responsável também por tudo que aconteceu."

"Corri riscos sem saber"

"Vivi na comunidade por quatro anos e engraidei enquanto morava lá. Adriana era minha doula e se colocava como terapeuta ayurvédica do grupo. Ela era minha referência como mulher experiente na maternidade. No entanto, no fim da minha gestação eu já não conseguia mais considerá-la minha doula. Em nenhum momento ela parecia se importar com o meu conforto, como mãe e gestante, ela apenas afirmava o que ela achava que eu devia fazer e, se eu discordasse, ela me chamava de mimada.

Como terapeuta ayurvédica, ela em nenhum momento me avisou que fitoterápicos eram contraindicados para gestantes, ou que apenas obstetras poderiam autorizar seu uso. Corri riscos sem saber, porque eu não tenho o conhecimento técnico sobre isso, mas ela tem."

"Dizia ter recebido uma orientação espiritual"

"Conheci a Adriana através da Estrela do Oriente. Cheguei ali aos 23 anos e, logo no primeiro dia, ela foi muito acolhedora. Passei a considerá-la uma amiga. Em pouco tempo, passei a frequentar as aulas de ioga que Adriana e Diógenes davam na casa. Além de minha instrutora, a via como uma mãe exemplar, que

poderia ser uma referência na educação dos meus filhos. Afinal, ela também possuía formação em doulagem e educação perinatal. Também recebi orientações dela como terapeuta ayurvédica.

A princípio, não a considerava uma mentora espiritual, embora fosse esse papel que ela assumia no grupo. Observo hoje que esse papel foi se construindo na nossa relação através das falas impositivas, aliadas ao conhecimento profissional que ela tem e no qual eu confiava muito. Essa atitude foi me levando a considerar mais o que ela recomendava do que aquilo que eu mesma queria. Sua palavra tinha o peso de uma profissional especializada e de uma mentora espiritual. Fomos muito próximas, mas, em determinado momento que eu não consigo determinar, ela começou a se negar a estar comigo. Hoje, sabendo das ações dele, imagino o quanto ela também sofreu manipulações por parte do marido.

Em vez de me atender, ela começou a me indicar a receber orientações diretamente com Diógenes, mesmo quando eu explicava que buscava sua palavra de doula, terapeuta, ou até mesmo como amiga. Foi em uma dessas situações que eu, indicada a procurá-lo quando na verdade queria falar com ela, como doula, fui abusada por ele durante o atendimento.

Eu passava por uma situação extremamente sensível na gestação. A busquei como amiga e como orientadora perinatal. Ela, sem considerar ou perguntar como eu gostaria de conduzir a situação - sem nem sequer me avaliar como terapeuta -, colocou seu conhecimento técnico de lado em função da religiosidade e das ordens de Diógenes. Ele dizia ter recebido uma orientação espiritual sobre como eu deveria proceder, então ela apenas passou a repetir que eu deveria fazer cumprir essa tal orientação espiritual que Diógenes recebeu.

Essa circunstância me gerou várias sequelas psíquicas. Passei anos com sociofobia, síndrome do pânico, não conseguia mais me relacionar com as pessoas. Eu confiava neles como amigos e nela como profissional.

Ao final de tudo, anos depois, vejo e sinto que ela se confunde entre os papéis, priorizando sempre o de mentora espiritual. Entretanto, nesse papel, ela está sob os comandos do Diógenes, que é visto por ela como mestre espiritual supremo. Como amiga, ela deveria me ouvir e considerar meus sentimentos. Como doula e terapeuta, ela deveria ter me indicado um outro profissional de formação

equivalente ou mais especializada para me atender no lugar dela. Como "mentora espiritual", se é que existe isso, com certeza o papel não é de julgar um momento de extrema vulnerabilidade em vez de estender a mão.

O amor acolhe com amor.

Acredito que, assim como eu, outras mulheres também entraram e se mantiveram na Estrela do Oriente buscando a sabedoria e o apoio da Adriana. Acabaram sendo abusadas pelo Diógenes, ou sendo destratadas e até mesmo abusadas psicologicamente por ela. Tudo isso acontece sem que a gente se dê conta imediatamente. A ficha cai muitos anos depois."

O que diz a defesa de Adriana Valverde

"Adriana tem curso de formação de doulas, concluído em dezembro de 2010. E também tem curso de formação em terapia ayurvédica pela Fundação Sri Vajra, em Minas Gerais, realizado nos anos de 2007/2008. No entanto, jamais misturou o exercício da atividade de doula com sua crença espiritual, especialmente para propor tratamentos.

Enquanto atuou como doula (não exerce mais essa vocação), quando questões apresentadas pelas gestantes diziam respeito a fatores orgânicos que fugiam ao seu conhecimento, sempre indicou que procurassem conversar com seus médicos. É um absurdo que omitam isso! Adriana conheceu, por conta disso, vários médicos que acompanhavam as gestantes, bem como as enfermeiras obstétricas que acompanharam alguns dos partos.

Importante, no entanto, é esclarecer outro fato que omitiram até o momento: as mulheres que Adriana auxiliou como doula e que também frequentavam a Congregação Estrela do Oriente antes de engravidarem, continuaram acompanhando os encontros religiosos normalmente depois de engravidarem, porque assim está facultado a elas pelo órgão que regulamenta a distribuição da Ayahuasca no Brasil. Por vontade própria dessas gestantes, portanto, utilizavam

ayahuasca nas cerimônias, apesar de lhes serem oferecidas na Estrela do Oriente, se pedissem, apenas doses reduzidas (1/6 da dose recomendada pelo referido órgão regulamentador).

Não foi a Adriana, portanto, que indicou ou prescreveu o fitoterápico a nenhuma gestante, como doula. Adriana tem marido, filhos e, portanto, uma família que está sendo estereotipada na mídia, com uma acusação absurda, tornada pública irresponsavelmente antes mesmo de receberem uma única intimação formal de acusação ou para prestação de esclarecimentos por parte do poder público.

Portanto, até que possam entender a razão dessas acusações, seus autores e, sobretudo, a extensão dos danos provocados à sua imagem, e ao futuro de sua família, Adriana reservar-se-á o direito de falar, a partir de agora, apenas com as autoridades.

As calúnias e demais danos à sua honra e imagem serão devidamente combatidas, com as medidas cíveis e criminais competentes.

Sem mais para o momento, agradecemos a oportunidade e colocamo-nos para outras informações e esclarecimentos."

O GLOBO – 28/01/2019